

## Futuro do euro está em jogo

Crise atinge Grécia, Portugal, Irlanda, Espanha e Itália, mas pode sobrar para o resto do mundo

Da Redação

Editoria de arte/DP



Do lado de cá do Atlântico, os brasileiros vêm acompanhando a montanha-russa que se tornou a cotação do dólar nas últimas semanas (ontem a moeda norte-americana fechou em R\$ 1,83, um dia depois de atingir R\$ 1,90). Do lado de lá, os europeus não têm apenas uma montanha-russa para ver. Têm um parque temático inteiro. Uma Disneylândia da crise, onde Grécia, Portugal, Irlanda, Espanha e Itália são as principais atrações. O futuro do euro está em jogo. E, se piorar mais, vai sobrar para todo mundo. Como em 2008.

Ontem, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, cobrou em Washington (EUA) a aprovação mais rápida de propostas para resolver a crise da dívida na Europa. O ministro considerou uma corrida contra o tempo. "Espero que a União Europeia não espere que quebrem os primeiros países (antes de agir)", afirmou Mantega. Luis Manoel Alonso Gonzalez, professor catedrático de **direito tributário** da Universidade de Barcelona, também defende mais rapidez. "A única saída é reduzir os déficits de forma imediata."

Gonzalez participou do XI Congresso Internacional de **Direito Tributário** de Pernambuco, que terminou ontem no Mar Hotel, e disse que só reformas muito importantes (e radicais) poderão manter os países mais afetados – como a Itália – longe da intervenção

ou do resgate. "Mas é preciso fazer isso sem prejudicar o crescimento econômico, que nestes países já está muito débil." Não será fácil. Anteontem, o governo italiano revisou para baixo as previsões de crescimento (de 1,1% para 0,7% em 2011, de 1,3% para 0,6% em 2012 e de 1,5 para 0,9% em 2013).

"Os países que sofrem intervenção têm que fazer planos de austeridade impressionantes, perdem o controle e a soberania sobre suas decisões financeiras e sociais. E não podem crescer porque têm que encontrar dinheiro para devolver aos credores", lembrou Gonzalez. Deve ser o caso de Portugal, que precisou ser "resgatado" pela União Europeia e pelo FMI. "Estamos a assistir a repetição da crise de 2008, provavelmente com dimensões muito mais fortes", comentou Eduardo Paz Ferreira, professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Ferreira lembrou que não ter o euro como moeda foi uma vantagem para a Islândia, primeiro país a sucumbir à crise de 2008. "O país saiu da crise muito bem e de forma rápida. Os países que estão na zona do euro não têm como sair rapidamente, por causa da política econômica comum."